

Performatividades Travestis: *Longa Trajetória “PL”*

Autor: Pedro Lima de Aguiar Silveira¹

RESUMO

O presente artigo estuda a relação de performatividade entre o universo que envolve o gênero travesti e seu objetivo de “ser mulher”. Este estudo de base teórica e prática serve como fonte inspiradora para a construção do espetáculo teatral *Longa Trajetória “PL”* (título provisório), com estreia prevista para 2014. Explicita-se no decorrer do artigo aspectos e particularidades presentes no universo das travestis, concentrando-se nas performatividades das mesmas. Desta forma, algumas temáticas relacionadas à articulação estratégica de dimensões expressivas e/ou performatividade das travestis são selecionadas para serem abordadas na construção do novo espetáculo, tais como transformação corporal; hormônios; silicone industrial e cirúrgico; bombadeiras; namorados e maridos; envelhecimento, e morte.

PALAVRAS-CHAVE

Travesti. Performatividade. Processo criativo. Teatro.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetiva investigar a performatividade no âmbito do gênero travesti, com o propósito duplo de analisar a prática e o uso por travestis da expressão “ser mulher” (Kulick, 2008) e de adquirir maior conhecimento sobre este gênero. A pesquisa tem como objetivo paralelo o de servir como fonte de inspiração e material para a construção dramática e cênica do espetáculo teatral *Longa Trajetória “PL”*, um solo cênico interpretado por este autor. Esta introdução abordará primeiramente o objetivo inicial da pesquisa, para em seguida focar em seu outro objetivo fundamental que é o aprofundamento e desenvolvimento interpretativo e psicofísico da personagem “PL”, uma travesti de dezesseis anos que vive em situação de rua na capital do Brasil sobrevivendo de seu trabalho, a prostituição.

Introduzindo travestis e performatividades

Em uma pesquisa que visa discutir sobre o gênero travesti e performatividades, é preciso que se tenha claro alguns entendimentos quanto à sexo, gênero e identidade de gênero.

¹ Graduando no Bacharelado em Interpretação Teatral e na Licenciatura diurna no Departamento de Artes Cênicas, do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB).

Nesta pesquisa sexo é compreendido como um fator físico e biológico que determina a diferença entre os corpos masculinos e femininos. Entende-se gênero como uma identidade que é construída ao longo da vida, levando em conta hábitos e valores sociais, culturais e históricos relacionados ao sexo biológico que a pessoa tem; e identidade de gênero sendo relacionada ao gênero com o qual a pessoa se identifica, independente do sexo físico-biológico. Travestis são entendidas neste estudo como homens que se identificam com o gênero feminino e, por isso, travestem-se de mulher, assumindo assim uma outra identidade de gênero contrária ao seu sexo biológico, a qual é performada por elas. As travestis assumem em seu corpo a união entre gêneros masculino e feminino, criando assim o seu próprio, passando pelos processos de transformação corporal onde é construído seu próprio gênero (Benedetti, 2005: 130).

Este estudo entende performatividade como a “dimensão expressiva da articulação estratégica da prática”², conforme definido pelo antropólogo Edward L. Shiefflin (*apud* Queiroz, 2001: 16). A descrição utilizada por Shiefflin pode ser relacionada ao dia-a-dia das travestis, já que as mesmas passam por específicas aprendizagens na busca por corpos e comportamentos femininos, e na construção de uma identidade feminina.

Foram utilizadas para esta pesquisa e artigo as etnografias escritas por Kulick (2008), Benedetti (2005), Pelúcio (2005 e 2006) e Silva (2007), realizadas em Salvador (BA), Porto Alegre (RS), São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ), respectivamente. Estes estudos citados anteriormente podem proporcionar uma maior reflexão sobre o universo das travestis brasileiras, a partir de diferentes localidades.

Este artigo acredita que o principal e mais determinante objetivo e característica da performatividade no gênero travesti é a busca incessante de “ser mulher”. As travestis têm consciência de que, além de possuírem o sexo masculino, nunca poderão ser mulheres. Desta forma, a procura por “ser mulher”, segundo Kulick, “constitui-se em atribuir a si mesma características femininas como a aparência física, comportamento social e o relacionamento com homens” (2008: 109). Este objetivo de muitas travestis caracteriza-se no encontro de especificidades e símbolos femininos, para que as mesmas cheguem a ser mais femininas do que muitas mulheres, como afirmam algumas travestis, dizendo também que “tudo que uma mulher faz, travestis podem fazer melhor” (Kulick, 2008: 110).

² Tradução feita por este autor.

O conceito travestilidade, utilizado pela cientista social Larissa Pelúcio, abrange “aspectos de categorização identitária do termo ‘travesti’, que pode ser bastante simplificador quando busca contemplar a gama de possibilidades de se viver esta condição. A travestilidade aponta para a multiplicidade dessa experiência, ligada à construção e desconstrução de corpos” (s/d: 01). A travestilidade apontada por Pelúcio, por estar ligada à (des)construção de identidades corporais, pode ser associada à descrição de Shiefflin quanto à performatividade, por envolver a articulação estratégica de uma prática.

O que Benedetti descreve como “estilo” também pode ser associado com a construção performativa das travestis. Estilo, segundo o autor, é um personagem, uma personalidade; definição que conforma gestos, formas de andar, falar e de se relacionar com outras pessoas. Enfim, essa personagem, estilo, pode ser diretamente relacionada à performatividade da travesti, pois assim “é o modo como ela quer ser representada [...] para os outros atores sociais com quem convive e para toda a sociedade” (2005: 72).

A filósofa Judith Butler aponta para a relação direta entre performatividade e gênero afirmando que “trata-se de um fenômeno que tem sido produzido todo o tempo, e reproduzido todo o tempo. Então, dizer que gênero é performativo é dizer que ninguém pertence a um gênero desde sempre.”³ A consideração de que não se nasce com um gênero definido cabe na afirmação de que o gênero travesti, união entre os gêneros masculino e feminino, pode ser construído, considerando que fatores espaciais e temporais ou sócio-culturais influenciam na construção do gênero individual de cada ser humano (Benedetti, 2005).

Na construção de um gênero a partir do feminino e masculino, podem haver dúvidas sobre como se referir às travestis. Em uma entrevista feita pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), a reporter Branca Andrade pergunta para a travesti Jaqueline: “Como é que a gente chama? É ‘ele’ ou ‘ela’?” Em resposta, Jaqueline responde: “É ‘ela’, mona! Tá louca? Vai chamar travesti de ‘ele’ pra tu ver o que tu vai arrumar. Tá boa? É ‘ela’! Tá?”⁴ Desta forma, já que as mesmas preferem ser chamadas como mulheres, pretendo me referir às travestis com pronomes e formas gramaticais femininas, assim como alguns autores utilizados na escrita deste artigo (Albuquerque, 1995; Benedetti, 2005; Kulick, 2008; Wonder, 2008; Pelúcio, 2005, 2006).

³[online] Entrevista disponível pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=Bo7o2LYATDc>. Acessado dia 25 de maio de 2013.

⁴ [online] Disponível na internet pelo link <http://www.youtube.com/watch?feature=endscreen&v=Smo2JF93xo&NR=1>. Acessado dia 30 de Maio de 2013.

As travestis estão em uma constante busca por um corpo cada vez mais feminino, ou seja, performaticamente, elas buscam articular estrategicamente suas práticas e suas dimensões expressivas para serem vistas e reconhecidas como mulheres. Antes mesmo de uma construção física, a primeira mudança que a travesti vivencia na construção de sua identidade feminina é em sua modificação comportamental, ou seja, passa a se portar de maneira diferente, buscando trejeitos e movimentações mais delicadas, voz aguda, depilação, unhas e cabelos longos, e roupas que ajudem a valorizar as formas femininas de seu corpo ainda em construção. Os territórios de prostituição, as próprias travestis e seus locais de encontros exercem grande influência na construção de suas identidades e performatividades como observa Benedetti:

É também nesses lugares que aprendem os métodos e as técnicas de transformação do corpo, incorporam os valores e formas do feminino, tomam conhecimento dos *truques* e técnicas do cotidiano da prostituição, conformam gostos e preferências (especialmente os sexuais), aprendem o *habitus* travesti. Esse é um dos importantes espaços em que as travestis se constroem corporal, subjetiva e socialmente (2006: 115).

É no convívio com as travestis mais experientes que as iniciantes aprendem e ampliam suas qualidades femininas, visando alcançar “performances de gênero mais próximas do modelo de feminilidade idealizado” (Butler e Junior *apud* Antunes, 2010: 102), o desejo de ser “mulheríssima” (Kulick, 2008). Assim, pode-se deduzir que uma travesti sem habilidades e conhecimentos sobre “ser mulher” acaba sendo influenciada pelas travestis mais experientes e mais femininas por meio de suas performatividades, pois nesses encontros são aprendidos, de acordo com Benedetti, os

segredos de *montagem*; as técnicas de maquiagem; as formas legítimas e ilegítimas de seduzir um homem e relacionar-se sexualmente; os segredos e *truques* da compra, venda e uso de drogas, como maconha, cocaína, anfetaminas, álcool; a linguagem *bate-bate*, as habilidades e mistérios da prostituição. [...] Uma vez inserida numa rede de relações e obrigações recíprocas, a nova travesti refina e aperfeiçoa os códigos que aprendeu. Entre as principais características a serem aprendidas e moldadas estão o gestual e o uso do corpo. Assim, aprender a andar de salto alto, mostrar movimentos leves e suaves com os braços e com o corpo todo, olhar de uma forma cândida e recatada, mover o cabelo e mesmo andar e sentar são movimentos aprendidos e aperfeiçoados a partir do modelo das outras travestis e da observação do feminino [em suas] performances cotidianas (2006: 102-104).

Essa busca em ser feminina, como a ideia de “ser mulher” utilizada por muitas travestis, consiste na busca de aparências físicas, comportamentais e, principalmente, no relacionamento que venham a estabelecer com homens, pois estes desempenham um papel

fundamental na construção e na legitimização do “ser mulher” (Benedetti, 2005; Pelúcio, 2006; Kulick, 2008; Carraro, s/d).

Esta primeira parte da introdução busca destacar alguns pontos importantes no que diz respeito ao “ser mulher” das travestis, buscando evidenciar como a performatividade está diretamente relacionada à rotina e construção identitária de todas elas. A partir deste ponto, serão apresentados os espetáculos cênicos que também são a base e o fruto deste artigo e pesquisa.

Introduzindo “PL” e *Longa Trajetória “PL”*

Durante um ano (2008-2009), estudantes e pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB) ligados ao Grupo de Pesquisa sobre Tráfico de Pessoas, Violência e Exploração Sexual de Mulheres, Crianças e Adolescentes (Violes/Departamento de Serviço Social – UnB) coletaram dados e informações pessoais sobre 22 crianças e adolescentes durante a pesquisa “A Trajetória Social da Criança e do Adolescente em Situação de Exploração Sexual, na Rodoviária e Setor Comercial Sul de Brasília.”⁵ Para apresentarem o resultado da pesquisa de maneira provocadora, a professora e coordenadora do grupo Violes, Maria Lúcia Leal, convida Fernando Villar⁶ para criar um espetáculo teatral, para abrir o I Seminário Nacional sobre Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, no Museu Nacional da República, em Brasília (Distrito-Federal). Villar chama seu grupo teatral para fazerem parte da produção do novo espetáculo e, entre as 22 crianças e adolescentes, 4 foram escolhidas para terem suas histórias encenadas no teatro, com suas prévias autorizações.

Inicialmente, quando o grupo *Corpos Humanos Intervenções Artísticas*, do Laboratório Interdisciplinar de Investigação e Ação Artística (CHIA, LIIAA!) passa a ter contato com o grupo Violes, é observado que os pesquisadores se referem aos meninos, meninas e adolescentes de rua como “casos”. Assim, o grupo dirigido por Villar opta por se referenciar aos meninos, meninas e adolescentes de rua utilizando o termo *personagente*⁷, adotado por Guimarães Rosa. No momento em que as vidas dessas crianças e adolescentes passam a ser o fio condutor do espetáculo, e por não serem personagens fictícias, o neologismo caracteriza melhor essas personagens que existem e vivem dentro e fora de cena.

⁵ Para mais detalhes sobre a pesquisa, consultar Leal (2012).

⁶ O autor, encenador e diretor é o orientador desta pesquisa.

⁷ Para um melhor entendimento sobre o neologismo *personagente*, consultar Faria (2004).

Com o intuito de preservar a identidade dos sujeitos, os pesquisadores do grupo Violes ao escreverem o projeto, mencionam somente as iniciais de seus nomes e sobrenomes. Já na montagem de *Trajetória “X”*, o CHIA, LIIAA! alterou novamente estas iniciais, assim como idade e cidade natal, para poder preservar melhor a privacidade de cada uma das quatro pessoas, já que uma delas, mesmo sob o Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte (PPCAM), poderia correr risco de morte. Desta forma, “PL” são as iniciais do nome do intérprete da personagem e deste autor, Pedro Lima.

Trajetória “X” teve sua estréia no dias 17 de maio de 2010, e segunda apresentação no dia 18, Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Em 2011, o espetáculo *Trajetória “X”* apresentou-se em cinco cidades do DF e em Blumenau (SC), ganhando novos tratamentos. Em 2012 surge a peça curta *Trajetória “PL”*. A obra de 15 minutos esteve em três festivais nacionais de teatro, apresentando-se em sete cidades no total. O futuro espetáculo *Longa Trajetória “PL”* (título provisório), com estreia marcada para o final deste ano de 2013, surge do interesse de Silveira e Villar de investigar mais a fundo o universo do gênero das travestis e como a performatividade pode estar diretamente relacionada e presente no dia-a-dia de suas vidas.

Longa Trajetória “PL” será um desdobramento das obras *Trajetória “X”* (2010), e, *Trajetória “PL”* (2012). Além do material levantado pelo Violes e pelo CHIA, LIIAA!, a realização do novo espetáculo contará também com os resultados desta pesquisa sintetizados neste artigo (com o suporte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica provido pela UnB e CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Entre outros autores pesquisados, este artigo seleciona como principais aliados conceituais o professor de Antropologia Don Kulick (2008); a performadora e escritora Claudia Wonder (2008); a professora e cientista social Larissa Pelúcio (2005 e 2006), e os antropólogos Marcos Benedetti (2005) e Hélio R. S. Silva (1993 e 2007).

O autor deste artigo, em processo de criação da personagem “PL”, buscou se aproximar do universo e das experiências vividas pelas travestis por meio de pesquisa de campo, e, pesquisa de estudos sobre sexo, corpo, gênero, prostituição na rua, travestis e drogas ilícitas. O trabalho de ator consistiu em, principalmente, experimentar parte do primeiro processo que as travestis enfrentam: a transformação comportamental, ou seja, busca por um corpo feminino a partir da articulação estratégica de suas qualidades físicas. O principal encontro da dimensão expressiva feminina de “PL” se deu no trabalho corporal

articular, na busca da fluidez e organicidade das ações físicas, o que auxiliou na construção psicofísica da personagem.

Para a continuidade dessa construção, será observada a relação das referências bibliográficas desta pesquisa com o material fornecido pelo grupo Violes em 2010. Tal material publicado recentemente pela Dra. Leal (2012) contém a análise situacional de cada um dos quatro jovens, com as entrevistas e relatórios feitos pelos entrevistadores. Além disso, há informações sobre o perfil familiar; perfil da adolescente; relação familiar; iniciação sexual no contexto extra familiar; trajetória da exploração sexual por aliciamento, comércio do sexo, consumo de drogas lícitas e ilícitas; processo de hormonização; violência por familiares, clientes, namorado, policiais militares; mobilidade local e no DF; descrição do território local; mobilidade interestadual, e, circuito de proteção.

Entre todos os temas observados antes ou durante esta pesquisa, pretende-se destacar e enfatizar aqui aqueles que contribuem na construção da imagem e/ou na performatividade da travesti, tais como hormônios, silicones, namorados e maridos, assim como outros que enfraquecem ou podem encerrar a mesma performatividade, ou seja, envelhecimento e morte. A primeira seção do desenvolvimento deste artigo a seguir busca tecer comentários sobre a performatividade travesti a partir de seus primeiros passos ou iniciação, e em suas sub-seções seguintes o artigo sintetiza as temáticas selecionadas como significativas na articulação estratégica das dimensões expressivas ou na performatividade de travestis. Antes das considerações finais, este artigo almeja expor uma breve perspectiva sobre os processos pelos quais as travestis passam para alcançarem o pretendido alto nível de feminilidade.

Performatividades Travestis – Iniciações, construções, modificações, produções, fabricações, criações e transformações corporais

Butler coloca que, na performance, para “algo ser performativo, significa que esse algo produz uma série de efeitos” (Butler, s/d)⁸. Por esses efeitos, pode-se entender e induzir que o objetivo da modificação comportamental que as travestis passam para “ser mulher” e/ou se passar por mulher é um efeito que só pode ser conquistado por meio de toda sua performatividade. Ao se passar por mulher ou ser reconhecida (ou legitimada) como tal, as travestis alcançam seu principal objetivo, principalmente quando a situação ocorre em lugares

⁸[online] Entrevista disponível pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=Bo7o2LYATDc>. Acessado dia 25 de maio de 2013.

públicos com grande quantidade de pessoas presentes no espaço em que estão. A performatividade da travesti é admirada e valorizada por alguns observadores quando alcançam e realizam o efeito de se passar por mulher, pois como coloca Silva, “é da consciência de que não foi percebido [publicamente] que ele retira o júbilo: o de ter êxito em sua representação de si mesmo” (2007: 162).

A iniciação no travestismo vividas pelas travestis brasileiras estudadas nesta pesquisa apresentam algumas semelhanças. Algumas travestis entrevistadas por Don Kulick como Lucina, Magdala, Cíntia, Catita e Elisabeth, iniciaram a travestilidade e a prostituição devido aos estímulos e influências de travestis mais velhas e experientes:

Venha trabalhar com a gente, você vai gostar [...] Bicha, vamos lá, dá umas voltas na rua de noite, não custa nada. [...] Por que você não vai dar uma volta de vestido? Nunca se sabe, talvez você consiga um dinheiro (2008: 152).

Já ciente de sua homossexualidade e frequentadora de ambientes GLBT, “PL” também teve sua iniciação ao travestismo após influências de amigos homossexuais e de outras travestis, ambos enfatizando sempre sua beleza e ressaltando que ela seria uma linda travesti, como pode-se observar na fala da entrevistada, que está em *Trajatória “X”* e *Trajatória “PL”* e será mantida, em outro contexto e forma, em *Longa Trajetória “PL”*:

Foi no Barulho em que eu conheci os travestis, e, assim, todos [as travestis]: ‘Nossa! Que rosto lindo! Tinha que virar travesti! Não sei o que, não sei o que lá... Nossa! Você tem que virar travesti! Nossa! Você vai virar perfeita!’ Aí isso, sabe, vai entrando na cabeça, vai entrando na cabeça, até que você [a entrevistada para a entrevista e fala] Então você pensa: ‘Vou fazer um teste.’ Aí foi assim que aconteceu (Leal, 2012: 149).

Kulick coloca que a primeira transformação pela qual a travesti passa é o abandono da família, seja partindo por vontade própria, ou, em muitos casos, sendo expulsa de casa (*apud* Benedetti, 2005: 102). A segunda importante transformação da travesti é deixar as unhas e cabelos crescerem, assim como depilar a sombrancelha, em busca de um novo olhar. Outra transformação consiste na construção do “ser mulher”, agregando vestuários e adornos na composição imagética da travesti:

A constituição de uma identidade implica, pois, um aprendizado em que roupas, gestos, posturas, expressões, maneiras de andar, formas de pegar vão sendo testados e readaptados em função dos sinais que, num sistema de *feedback*, a sociedade vai emitindo para o ator que concomitantemente vai incorporando seu personagem (Silva, 2007: 162).

As formas corporais de mulheres e travestis mais experientes são um objetivo determinante a ser alcançado pelas travestis iniciantes. Fernanda Farias, transsexual, teve sua escolha por um específico tipo de corpo após ver as formas corporais de uma travesti chamada Perla (Albuquerque: 2005, 109). Assim como Fernanda, muitas travestis escolhem qual tipo físico corporal desejam se modelar e os procedimentos de modificações começam a partir destas idealizações. A construção da identidade travesti é composta pela acumulação de signos e símbolos femininos de travestis e suas interpretações do feminino.

Um dos primeiros passos na construção da identidade das travestis são suas modificações comportamentais, em seguida, suas modificações corporais. Suas formas masculinas precisam ser sobrepostas pelas femininas, e um caminho a se seguir é pelo consumo de hormônios, seja por via oral ou por injeções. Os hormônios são de extrema importância para muitas travestis, pois é por meio dele também que “a natureza ‘feminina’ do travesti ganha corpo, se consolida, se arredonda no cotidiano, minuto a minuto, no milimétrico – pêlo a pêlo – combate a tudo que tenta brotar do homem subjacente” (Silva, 2007: 171). Muitas vezes, o primeiro passo na modificação corporal das travestis é por meio de hormônios femininos.

Hormônios

A utilização de hormônios é bastante frequente entre as travestis. Nas entrevistas do Violes e nas peças do Chia,liiaa, “PL” relata já ter ingerido hormônios como Perlutan, Problelec e Ciclo 21 (Leal, 2012: 156). Na procura por “ser mulher” e se passar por mulher, os *hormônios* são o principal recurso que fazem parte de muitas travestis. O uso de hormônios é diário e em altas doses, um desejo para que o processo de criação de curvas salientes e seios seja o mais rápido possível. “PL”, aos 15 anos, abusa da quantidade de hormônios para alcançar tais fins e comenta a respeito ao dizer que

foi muito hormônio que eu já tomei mesmo sabe. Já cheguei a tomar uns seis por mês, umas seis injeções. Chegou uma época de tomar seis injeções por mês, oito, dez vezes. Às vezes eu tomava duas por semana. Mas, assim, eu ficava muito bonita (Leal, 2012: 156).

Os hormônios contém certa quantidade de estrogênios, além de outros hormônios femininos. Assim, algumas travestis acreditam que quanto maior a quantidade ingerida, mais seus corpos passarão por mudanças e ficarão com formas femininas mais rapidamente. A travesti Fernanda escreve que, quando foi tomar hormônios pela primeira vez, uma travesti mais velha lhe recomendou que tomasse 4 comprimidos por dia, o suficiente para feminilizar

o corpo em poucos meses, mas ela ingeriu uma cartela inteira de uma só vez, para acordar com os sonhados seios prontos, mas a iniciante acordou sim com muitas dores e vômito (Albuquerque, 2005).

Apesar dos hormônios oferecerem os benefícios e formas corporais almejadas pelas travestis, os mesmos apresentam alguns efeitos colaterais. A ação da alta quantidade de hormônios com doses de estrogênio e progesterona ingeridas pelas travestis causa diminuição do pênis e testículos, e, dificuldades de ereção, problematizando, neste caso, as travestis de rua que, em sua maioria, atuam na posição ativa (penetrante) na relação sexual com seus clientes (Kulick, 2008; Benedetti, 2005; Albuquerque, 1995).

Esses hormônios influenciam nas mudanças corporais deixando o corpo das travestis mais arredondado, atuando nas nádegas e pernas, no desenvolvimento dos seios e no afinamento e diminuição dos pêlos em todo o corpo. Muitas travestis acreditam que hormônios femininos também modificam as pregas vocais, fazendo com que suas vozes fiquem agudas, femininas. Porém, um médico citado por Benedetti (2005: 74) e o fonoaudiólogo e professor de oratória Simon Wajntraub revelam que hormônios não podem alterar as pregas vocais das travestis.⁹ Muitas delas também acreditam que os hormônios são capazes de tornar suas movimentações mais femininas. Isto é notório na fala de Gabrielle, entrevistada por Benedetti:

Eu acho que o hormônio na vida de uma travesti é a feminilidade toda, tudo tá ligado ao hormônio. Inclusive, tem amigas minhas que, quando vão à farmácia comprar hormônios, elas costumam colocar assim, ó: ‘eu vou comprar beleza’; porque o hormônio é realmente a beleza na vida de uma travesti. Ele ajuda na pele, que fica mais macia (...), inibiu o crescimento de pêlos, desenvolveu a glândula mamária, entendeu, arredondou forma, e até a expressão do olhar de quem tomou hormônio é diferente (...). A gente fica mais feminina pra falar, pra sentar e tudo isso é efeito do hormônio no teu organismo (2005: 77).

Por meio da fala de Gabrielle, é possível observar que ela acredita que os hormônios podem modificar seu comportamento ou modo de agir. As modificações propiciadas pelos hormônios são físicas, portanto, as mudanças comportamentais que Gabrielle se refere ao final de sua fala podem ser consequências de sua satisfação com as transformações pelas quais seu corpo passou com o consumo de hormônios.

⁹ [online] Informação disponível pelo link <http://www.boasfalas.com.br/transexuais-mudanca-de-voz/>. Acessado dia 31 de Maio de 2013.

Outra modificação que muitas travestis se submetem é a aplicação de silicone industrial por bombadeiras. O silicone se diferencia do hormônio por ter um efeito imediato na mudança corporal das travestis, apesar de apresentar riscos à saúde.

Silicone industrial e bombadeiras

Como diz uma entrevistada de Kulick, o silicone serve “para modelar meu corpo, para ficar mais feminina, para ficar com corpo de mulher” (2008: 100). A maioria das travestis em situação de rua não tem condições financeiras para pagar o silicone cirúrgico e nem um profissional da área. Assim, o silicone que elas podem obter é o industrial, aplicados por colegas de gênero sem nenhuma formação médica, farmacêutica ou de enfermagem, as chamadas “bombadeiras” ou “fadas madrinha”.

O silicone industrial tem aspecto líquido, oleoso, grosso, incolor e inodoro. É utilizado “na fabricação de painéis de automóveis e, na construção civil, como material de vedação” (Kulick, 2008: 92-93). Este silicone é aplicado por mulheres ou travestis mais velhas, na maioria dos casos, que têm a profissão de modificar os corpos até então com traços masculinos. As principais áreas de aplicação de silicone industrial optadas por muitas travestis brasileiras são nas “nádegas, nos quadris, joelhos e coxas” já que, na visão de um antropólogo estrangeiro, “essa localização estratégica do silicone corresponde diretamente aos ideais estéticos dos brasileiros” (Kulick, 2008: 89).

O silicone industrial, devido a sua consistência, é introduzido com dificuldade no corpo das travestis por ampolas e agulhas da espessura de uma ponta de lápis, provocando assim uma grande dor, falta de ar, ardência e queimação na área aplicada, e isso é, como algumas dizem, a dor da beleza. É necessário que a travesti fique cerca de sete dias em repouso, para que o silicone grude na carne e misture-se aos tecidos internos, para que o mesmo não se desloque de lugar e não se aloje, mortalmente, em outra parte do corpo (Kulick, 2008: 65). O silicone industrial, por ser um elemento tóxico, pode provocar sérias infecções quando aplicado nos corpos das travestis, tendo como consequência mortes por infecção generalizada.

Após o delicado processo de aplicação de silicone industrial nos seios, qualquer impacto que estes tenham, o silicone pode se deslocar facilmente, descendo para o estômago e outros órgãos. É necessário que após a aplicação de silicone industrial nos seios, a travesti utilize um pedaço de pau entre os mesmos, para evitar que os dois lados formem um único

seio, configurando o que as travestis chamam de “peito de pombo” (Kulick, 2008: 90). Como o silicone industrial “gruda” na carne, as travestis temem que, caso apliquem silicone nos seios, o silicone pode grudar no coração, e assim, pode matá-las (Kulick, 2008: 78-99). Assim, muitas se contentam com os seios proporcionados pelos hormônios, ou, em outros casos, preferem esperar e tentar economizar dinheiro para colocarem silicone cirúrgico com um especialista.

Goulart de Andrade e Andrea de Maio realizaram em São Paulo um documentário especial de ano novo da emissora Rede Bandeirantes, para o programa *Comando da Madrugada* em 1985. Andrade e Maio entrevistaram algumas travestis e uma bombadeira chamada Bartô, e mostraram, de forma inédita até então, como o *silicone industrial* transforma o corpo das travestis e como funciona o procedimento de aplicação pela bombadeira.¹⁰ Outro documentário chamado *Bombadeira*, do cineasta Luis Carlos de Alencar, mostra um pouco da rotina de algumas travestis, o convívio com seus corpos modificados pelo silicone e seus trabalhos de prostituição e *bombadeira*. O documentário também apresenta o procedimento da aplicação de silicone industrial.¹¹

Esses dois pontos comentados, hormônios e silicones, são cruciais na construção do corpo e, por consequência, da imagem, identidade e performatividade do “ser mulher” das travestis, pois como uma entrevistada afirma para Silva, “travesti tem que ter silicone, hormônio. Não tem travesti sem hormônio” (2007: 170). Mas não é só a modificação corporal que fazem as travestis se sentirem mulher, um elemento fundamental para essa realização pessoal ou legitimação se dá na relação delas com seus namorados e maridos.

Namorados e Maridos

Nos estudos de Carraro (s/d), Benedetti (2005), Pelúcio (2005 e 2006) e Kulick (2008), a relação afetiva das travestis com seus namorados e maridos são os principais responsáveis por fazerem com que as travestis se sintam mais femininas, “sejam mulheres”. Dentro desse relacionamento, alguns fatores são importantes para que esse objetivo possa ser alcançado.

¹⁰[online] Entrevista disponível pelo link <http://www.youtube.com/watch?v=YQjPfouRaAk>. Acessado dia 30 de maio de 2013.

¹¹[online] Documentário disponível pelo link <http://www.youtube.com/watch?v=8ukxnIDYdKE>. Acessado dia 30 de maio de 2013.

O tipo de namorado e marido almejados pelas travestis é de um homem “jovem, bonito, pernudo, carnudo, bundão, necão e de aparência bonita”, como destaca Banana, travesti entrevistada por Kulick (2008: 135). Geralmente, os namorados e maridos das travestis são seus ex-clientes, conhecidos que já tiveram relacionamento com outras travestis, ou, ex-“vício”, como chamam o homem com quem a travesti faz sexo sem cobrar pelo serviço de prostituição. Geralmente isso acontece pelo fato do homem ser atraente fisicamente e ser dotado de um pênis avantajado (Kulick, 2008). A relação é baseada em um modelo de relacionamento heterossexual convencional, onde o homem mantém seu papel de homem ativo (penetrante) sexualmente, e a travesti assume o papel da mulher passiva (penetrada) sexualmente (Kulick, 2008).

A questão sexual que envolve as travestis e seus maridos e namorados possuem certas normas. É fundamental que o namorado ou marido mantenha sempre sua posição de homem ativo (penetrante); este não deve, em momento algum, demonstrar desejos de experimentar a posição de passivo (penetrado) ou desejos quanto ao órgão sexual da travesti. Isso desestabilizaria o objetivo principal da travesti de “ser mulher”, pois não estaria namorando um homem, e sim, um homossexual que deseja outro homem. Ou seja, o gênero masculino desses namorados “precisa ser construído por meio de desejos apropriados, e estes se manifestam por meio de práticas apropriadas. A mais importante dessas práticas é o comportamento sexual. [...] é na cama que o gênero realmente se estabelece” (Kulick, 2008: 140).

Muitas travestis que se prostituem nas ruas seguem esse padrão de relacionamento heteronormativo. Mesmo buscando essa condição como mais um elemento para se “sentir mulher”, ocorre um contraponto nas relações entre elas e seus namorados ou maridos. São elas quem sustentam seus companheiros financeiramente. Apesar de desejarem um namoro com base em relações tradicionais e defasadas entre mulheres e homens, onde os homens são os que sustentam a casa e as mulheres que cuidam da mesma, as travestis preferem pagar pela comida, roupas, drogas e vícios de seus homens para obterem controle sobre eles (Kulick, 2008).

Em síntese, “é necessário haver um homem para fazer uma travesti sentir-se como mulher” (Kulick, 2008: 140). Assim, fica claro que o relacionamento estabelecido entre a travesti e seus namorados e maridos são fundamentais para que a mesma possa se sentir feminina, possa melhor performar o pretendido “ser mulher”.

As temáticas hormônios, silicone industrial e bombadeira, namorados e maridos presentes superficialmente ou não em *Trajetória “X”* e *Trajetória “PL”* poderão ser enriquecidas com mais qualidade de informação para os criadores e futuros espectadores de *Longa Trajetória “PL”*. As temáticas de envelhecimento e morte a seguir são exemplos de temáticas não abordadas nas montagens anteriores e que estarão presentes no novo espetáculo. Também são selecionados neste artigo por serem aspectos que atrapalham a performatividade travesti, distanciando-se do objetivo principal de passar-se por mulher, ou sua interpretação do feminino.

Envelhecimento

Uma das problemáticas questões que as travestis em situação de rua enfrentam é o envelhecimento. Considerando que, quanto mais nova a travesti for, mais dinheiro ela pode ganhar na prostituição, as travestis mais velhas encontram poucas opções para arrumarem outra profissão de sustento. Segundo Kulick, as travestis são consideradas “velhas” com 30 anos de idade (2008: 57). No relacionamento entre as travestis de diferentes idades, as mais velhas e experientes ajudam as mais novas a escolher quais roupas vestir, como elas podem se modificar corporalmente (hormônios e silicone industrial), e, como ser mais o feminina possível em suas movimentações (Kulick, 2008: 65-82).

Sabe-se que muitas travestis em condições de rua saem de casa por vontade própria ou são expulsas pela negação da família. Desta forma, abandonam cedo os estudos. Sem uma apropriada formação educacional, e sem um físico ideal para competirem por clientes e programas com travestis mais jovens, restam para essas travestis mais velhas as profissões estereotipadas, apontadas por Kulick (2008) e Silva (2007): cabeleireiras, depiladoras, manicures, maquiadoras, cozinheiras, lavadeiras e empregadas domésticas.

Em seu livro, Claudia Wonder (2005) apresenta casos de travestis e transsexuais em diferentes profissões das citadas anteriormente, desmistificando estereótipos relacionados às travestis e transsexuais. Wonder concede ao leitor uma visão mais ampliada e plural sobre diferentes casos, como a cientista e engenheira estadunidense Lynn Conway, transsexual que trabalhou na empresa IBM¹² e “viabilizou o primeiro computador em alta escala, criando um sistema” (Wonder, 2005: 19). A travesti brasileira Rogéria é uma travesti de 70 anos e é reconhecida por seu caráter performático. Recente trabalho de Rogéria como atriz é em uma

¹² International Business Machines (IBM).

telenovela brasileira, na qual interpreta uma personagem feminina, uma mãe.¹³ Há também travestis universitárias, professoras e Kátia Tapety ou Madalena, travestis vereadoras eleitas em, respectivamente, Colônia do Piauí (PI) e Piracicaba (SP).

A regra estereotipada e marginalizadora, entretanto, ainda é mais contundente que as exceções. A regra dominante inclui o envolvimento de travestis mais velhas com *tráfico de drogas*, o que permite a elas ter uma vida financeira estável; algumas passam a praticar a técnica de bombar ou aplicar silicone em travestis, especializando-se como *bombadeiras*. Outras passam a ser *cafetinas*, gerenciando e controlando áreas de prostituição, ou cobrando taxas pelo “aluguel” de ponto e/ou serviços de proteção (Kulick, 2008; Silva, 2007; Antunes, 2010; Benedetti, 2005; Pelúcio, 2005 e 2013).

A busca das travestis é por uma profissão fora da prostituição, por um emprego que as sustentem financeiramente e que promova o encontro de uma vida mais estável, segura e longe dos perigos encontrados na rua. A falta de condições, amparo, encaminhamento, reabilitação ou políticas públicas reduzem a performatividade potencial das travestis a prostituir-se e estar noite-a-noite na rua, com riscos que podem ser mortais e que muitas vezes finalizam suas performances de formas horrendamente trágicas.

Morte

Nos estudos de Pelúcio (2005, 2006 e s/d), Silva (2007) e Kulick (2008), a temática *morte* está muitas vezes presente na vida das travestis de rua entrevistadas. A morte acaba provocando um grande medo devido ao modo que ela pode chegar.

A grande maioria das travestis sofre preconceitos diários, com algumas exceções como é possível encontrar no livro de Claudia Wonder (2011). O preconceito e a discriminação faz com que as travestis de rua passem por perigos todas as noites quando fazem programas, pois é na “batalha” (gíria utilizada pelas travestis de rua que significa o seu próprio “trabalho”, a prostituição) que elas ficam sem qualquer amparo, entregues aos clientes e a sua própria sorte, vulneráveis ao acaso. Policiais que poderiam ajudar na segurança são execrados por várias travestis e por denúncias públicas como algozes. “PL” e seus jovens colegas na pesquisa do Violes e peças do CHIA, LIIAA! são unânimes no medo de policiais. Esses últimos também são questionados por minimizarem ou ignorarem violência contra travestis ou por não efetuarem investigações de assassinatos frequentes. Neste contexto intrincado e injusto, as

¹³ Novela *Lado a Lado* (estréia em 10/09/2012). Emissora Rede Globo. Direção de núcleo de Dennis Carvalho.

travestis precisam se impor, e lutar por seus direitos, com suas próprias mãos. Caso um cliente não queria realizar o seu pagamento, ou na gíria travesti, pagar o *acué* depois do programa realizado, a travesti tem que resignar-se com o roubo - ou pega o que tiver de valor ao seu alcance e rouba o cliente. Ou o roubo é a forma de sobrevivência. Seja como for, a ação do roubo gera uma série de consequências para a ladra e/ou para as travestis das redondezas, pois o cliente pode voltar ao encontro da travesti e matá-la devido ao roubo. Isto faz as travestis se afastarem das que roubam, com medo de também sofrerem “queima de arquivo” (Silva, 2007: 116).

Desde os anos de 1980, quando o advento da Aids tomou grande proporção no Brasil (Carraro, s/d; Silva, 2007), a Síndrome da imunodeficiência adquirida continua presente nas vidas e ausente das conversas das travestis. Entretanto, o medo de serem infectadas e passarem a ser soropositivas assustam as travestis que vivem na prostituição, pois a morte causada pela síndrome em amigas continua frequente. Os métodos de prevenção, como o uso de camisinha, são utilizados pelas travestis, mas em alguns casos a mesma é dispensada quando o cliente, mesmo sabendo dos riscos de infecção, pede para ter relação sexual sem camisinha, “pele a pele” (Leal, 2012: 153), oferecendo uma alta quantidade de dinheiro; assim, a travesti aceita a proposta duplicada ou triplicada do valor de seu programa e se entrega à sorte (Kulick, 2008: 43-46).

É gritante o fato encontrado durante a pesquisa de que, em muitos casos, travestis mais velhas que se prostituíam nas ruas nessas décadas apresentam “marcas de violência e mesmo de automutilação no corpo” (Benedetti, 2005: 64), porque as mesmas se cortavam para evitar que os policiais chegassem perto para prendê-las – uma forma de assustá-los com o vírus do HIV, ou de removê-las para o hospital ao invés da cadeia. A pesquisa também trouxe outras informações contundentes de travestis brasileiras na Europa que tem se contaminado com o vírus da Aids para ganhar assistência médica e, mais importante, a nacionalidade no país estrangeiro, com possibilidades legais de pensão pública.

A causa da morte de algumas travestis, seja por Aids, drogas ou por consequência de algo relacionado ao silicone industrial, acaba não sendo revelada às pessoas próximas das travestis. Isso acontece porque muitas vezes elas não passam por autópsia e são enterradas como indigentes. Ou a causa é ocultada, já que este tipo de assunto é bastante incômodo para elas e as mesmas preferem não conversar muito sobre esses temores (Carraro, s/d; Kulick, 2008). A invisibilidade das travestis, vivas ou mortas, tem sido denunciada por pesquisas, mídias e organizações sociais.

Considerações Finais

Com o suporte anterior das pesquisas e peças realizadas pelos grupos Violes e CHIA, LIIAA!, esta pesquisa proporcionou um entendimento mais significativo sobre a vida das travestis, e, principalmente, sobre a construção não só de um corpo, mas a construção de um gênero. A escolha pelo recorte ou foco na performatividade também revelou-se produtivo, pois esta consiste em *modus operandi* crucial na procura das travestis por meios que possam enriquecer suas dimensões expressivas a fim de articular cada vez melhor suas práticas e estratégias na tentativa de alcançar um feminino idealizado por elas, para ser a “mulheríssima” pretendida (Kulick, 2008).

Para a performatividade artística deste autor, a escrita deste artigo e pesquisa sobre o gênero travesti contribuiu criativamente no aprofundamento psicofísico da personagem. Ao entrar em contato, por meio das entrevistas e livros, com a vida e experiências de tantas outras travestis de rua de diferentes localidades, percebeu-se que muitas vezes há um denominador comum entre as diferentes vivências, como em suas iniciações no travestismo, performatividade, modificações corporais, relações com cafetinas e clientes, entre outros pontos. Sendo assim, poderá ser aproveitado o jogo de relações e similaridades entre as demais travestis e “PL”, que poderá aprofundar o estudo psicofísico e a interpretação da jovem travesti de 16 anos por este autor.

Esta pesquisa proporcionou o encontro de mais detalhes e informações em assuntos já abordados anteriormente e que poderão ser aprofundados não só em *Longa Trajetória “PL”*, mas em *Trajetória “X”* e *Trajetória “PL”*, que continuam em temporadas e poderão ser também enriquecidas. AIDS, dinheiro, amizade, prostituição, hormônios, namorados, cafetinagem, relação com clientes e/ou sonhos são exemplos destas temáticas, realimentadas por outros dados, com semelhanças e/ou diferentes percepções apresentadas pelos diversos novos autores e autoras investigadas. Essas temáticas continuarão sendo retratadas em *Longa Trajetória “PL”*, e, será acrescentado, com maior detalhamento, o encontro de importantes especificidades sobre cada assunto, coletados durante a pesquisa que este artigo apresenta brevemente.

Por outro lado, essa realimentação conceitual e contextual também trouxe outras temáticas da vida travesti que serão abordadas pela primeira vez no novo espetáculo *Longa Trajetória “PL”*, tais como, silicone industrial e cirúrgico; bombadeiras; morte; envelhecimento; homofobia interna; as estrangeiras (ou as travestis que se prostituem na

Europa); “ser mulher” e feminilidade, entre outros. O novo material alcançado com esta pesquisa acrescido aos materiais anteriores certamente poderão enriquecer o conteúdo e fortalecer nossa intenção de dividir com o espectador a situação de vida das travestis de rua.

Ao colocar “PL” fazendo referências à diferentes personagens e situações, abrem-se possibilidades para que as outras performatividades travestis investigadas possam ser exploradas, performadas e/ou encenadas. Assim sendo, o conhecimento de outras travestilidades demandarão outras personagens no imaginário e realidade que a futura PL apresentará em *Longa Trajetória “PL”*. O acréscimo de novas personagens auxiliarão no jogo de tensões ou ritmo da peça, assim como apresentarão novos desafios performáticos para este intérprete. Ao mesmo tempo, novas situações e ações contundentes encontradas no decorrer da pesquisa possibilitaram novos *insights* de criação para a sala de ensaios e para o desenvolvimento de novas cenas, buscando verticalizar a apresentação artística desse multifacetado universo das travestis e da exploração sexual na rua.

Aspectos antes encontrados no material fornecido pelo Violes agora são melhor compreendidos. A diversidade, contundência e quantidade de novos detalhes encontrados no conteúdo pesquisado compõem farto material para a estruturação dramática e dramatúrgica, assim como para a encenação, e para o desenvolvimento interpretativo deste ator.

Com o amparo destas novas informações e temáticas acerca do universo do gênero estudado, objetiva-se que *Longa Trajetória “PL”* continue a busca pelos objetivos que irmanaram os grupos Violes e CHIA, LIIAA! na encenação de *Trajetória “X”* (2010) e “PL” (2012). Tais objetivos, descritos pelos dois grupos no programa da primeira montagem, ainda almejam “um giro paradigmático, uma mudança de modelo e/ou uma transformação da realidade que tanto envergonha, entristece e dilacera o nosso país – seu passado, seu presente e, principalmente, seu futuro.”¹⁴

¹⁴ Programa do espetáculo *Trajetória “X”*, maio de 2010.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de. Jannelli, Maurizio. **A princesa: depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas**. Tradução de Elisa Byington. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Travestis envelhecem?** Dissertação de mestrado na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, Brasil. (2010, pp. 268).
- BENEDETTI, Marcos. **Toda Feita: O corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- CARRARO, Adelaide. **O travesti**. São Paulo: L.oren Editora e Distribuidora de livros Ltda, s/d.
- DAVI, Edmar Henrique Dairell; BRUNS, Maria Alves de Toledo; Santos, Claudiene. “**Na batalha**”: história de vida e corporalidade travesti. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da UFRN*. Volume 11, número 2, páginas 63-78. 2010.
- DUQUE, Tiago. **Montadas para toda vida? O uso do silicone líquido na construção da identidade travesti**. Trabalho de conclusão de curso na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas, Brasil. (2005, pp.124).
- FARIA, Maria Lucia Guimarães de. **A originalidade das "Primeiras estórias" e a estrutura arquitetônica do livro**. Doutorado em Ciência da Literatura, Poética, UFRJ. 2004, pp. 13.
- KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Tradução de Cesar Gordon. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
- LEAL, Maria Lúcia Pinto (organização). **A trajetória social da criança e do(a) adolescente em situação de exploração sexual na Rodoviária e no Setor Comercial Sul de Brasília**. Brasília: UnB, 2012.
- PELÚCIO, Larissa. “**Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem**”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis. Volume 14, número 2, páginas 522-534. 2006.
- _____. “**“Eu me cuido, mona’ – saúde, gênero e corporalidade entre travestis que se prostituem**”. [online] Disponível na internet via <http://www.clam.org.br/pdf/travestis_clam.pdf>. Acessado dia 05 de Junho de 2013.
- _____. “**Na noite nem todos os gatos são pardos: Notas sobre a prostituição travesti**”. *Cadernos Pagu*, Campinas. Número 25, Julho/Dezembro de 2005. (pp. 217-248).
- QUEIROZ, Fernando Antonio Pinheiro Villar de. Tese de doutorado no Queen Mary College, Universidade de Londres, Inglaterra. ‘General Introduction’ (pp. 1-53), in **Artistic Interdisciplinarity and La Fura dels Baus 1979-1989**. (2001).
- SILVA, Hélio R. S. **Travestis: entre o espelho e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- _____. **Travesti: A invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: 1993.
- VILLAR, Fernando. *Trajetória “X”*. Peça não publicada. Brasília, 2010.
- _____. *Trajetória “PL”*. Peça curta não publicada. Manaus, 2012.
- WONDER, Claudia. **Olhares de Claudia Wonder: crônicas e outras histórias**. São Paulo: GLS, 2008.

